

NOS FLUXOS DA VIDA INTENSIVA E INVENTIVA DAS ESCOLAS: EM BUSCA DE OUTROS MODOS DE EXISTÊNCIA PARA A NOVA TERRA

Janete Magalhães Carvalho¹

Sandra Kretli-Silva²

Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni³

Resumo: Este texto objetiva apresentar o que acontece, o que se passa nos conjuntos de práticas escolares. Explora a ideia deleuze-guattariana de *corpos sem órgãos* para pensar escolas e currículos. A intencionalidade é pensar a vida na escola com a sua força inventiva e experimentar, com as professoras, crianças e jovens as seguintes problematizações: o que expande a potência de ação dos praticantes ordinários dos cotidianos escolares em seus movimentos de invenções curriculares? Como nos descolar/desterritorializar dos pontos de subjetivação que nos fixam e nos limitam, que nos pregam em uma realidade dogmática, dominante e que nos dificulta alçar voos entre as experimentações cotidianas intensivas em busca de novas reterritorializações? Como metodologia, utiliza a pesquisa cartográfica no acompanhamento de processos, por meio das *imagens narrativas* disparadoras das “redes de conversações” que se constituem em uma força que leva ao movimento do pensar, que propicia encontros, experiências e possibilita surpresa, indagação, desterritorialização e reterritorialização. Por meio de múltiplos diálogos, os devires-professoras, devires-jovens, devires-crianças, devires-escolas, devires-currículos se engendram na composição de um coletivo a partir do sensível: daquilo que passa, daquilo que toca, daquilo que afeta e provoca o pensamento, produzindo diferenças, idéias e projetos a partir da multiplicidade de mundos.

Palavras-chave: *Corpo sem órgãos*; plano de imanência; processos de invenção.

Abstract: This text aims at presenting what happens, what takes place at school practice groups. It explores the *bodies without organs* idea from Deleuze-Guattarian in order to think about schools and curriculums. The intentionality means living in the intensity of the school inventive power and trying, with Teachers, children and the young ones the following discussions: what expands the action capacity of the ordinary practitioners in the school daily life regarding movements of curriculum inventions? How can we take off/de-territorialize from subjectivities points that attach and limit us, that stick us to a dogmatic, dominant reality and that makes it difficult to take hold among the daily intensive experimentations in the seek of new reterritorializations? As methodology, the work uses the cartographic research in processes follow-up, through the *narrative images*, trigger of the “conversation nets” that are constituted in a certain power that leads to the thinking movement, provides gatherings, experiences and enables surprise, quests, de-territorialization and reterritorialization. By means of multiple dialogues, the future Teachers, future young people, future children, future schools, future curricula are engendered in the composition of a mass from the sensitivity: from what happens, from what touches, from what affects and provokes thinking, creating difference, producing ideas from the multiplicity of worlds.

Keywords: *Body without organs*; immanence plan; invention processes.

¹ Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação da Ufes. E-mail: janetemc@terra.com.br.

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e do Departamento de Teorias Educacionais e Práticas de Ensino da Ufes. E-mail: sandra.kretli@hotmail.com.

³ Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e do Departamento de Teorias Educacionais e Práticas de Ensino da Ufes. E-mail: taniadelboni@terra.com.br.

Em nossos estudos, buscamos, nas vivências com professores, crianças e jovens das escolas públicas municipais, experimentar, no plano de imanência e por meio dos encontros, outras ideias, outras sensações, novos possíveis para as escolas, para os movimentos de invenções curriculares, para os processos de *aprenderensinar* e para o mundo, fazendo, assim, proliferar a diferença.

É no plano de imanência que ocorre o processo de composição da vida, do que somos e dos afectos e perceptos produzidos nos encontros com outros corpos, o que difere do plano de transcendência, que é um plano de organização constituído a partir de critérios que estão fora da vida intensiva.

Quando a escola experimenta o seu corpo intensivo, o seu *corpo sem órgãos*? O que pode esse *corpoescola*? O *corpo sem órgãos* nos remete a um corpo que se constitui por meio de sua capacidade de afetar e ser afetado como corpo da potência e dos devires intensivos dos afetos. É não desejos, mas, também, desejo. Não é um conceito, mas uma prática, um conjunto de práticas, é o viajante do deserto e o nômade da estepe (DELEUZE; GUATTARI, 2012). O *corpoescola* é atravessado por pensamentos, desejos, emoções, sensações, acontecimentos. O *corpo sem órgãos* é um espaço infinito, está sempre em processo de reconstrução e de metamorfose que ocorre nos movimentos e nas interações e nas relações estabelecidas nos diferentes cotidianos.

Este texto objetiva apresentar o que acontece, o que se passa nos conjuntos de práticas escolares. Explora a ideia deleuze-guattariana de *corpos sem órgãos* para pensar escolas e currículos. A nossa intencionalidade é viver na intensidade das forças inventivas das escolas e, assim, não nos interessa compreender como se dão os processos de invenções curriculares ou descobrir como ocorrem as *aprendizagensensinagens* para traçar e delimitar um único trajeto. Queremos experimentar, com as professoras, crianças e jovens as seguintes problematizações: o que expande a potência de ação dos praticantes ordinários dos cotidianos escolares em seus movimentos de invenções curriculares? E o que bloqueia os movimentos de invenções curriculares, o trabalho coletivo das professoras e a afirmação da vida intensiva que pulsa nesses *espacostempos* escolares? Que forças se esbarram nos fluxos de resistências às tentativas de engessamentos e padronização das escolas? Como nos descolar/desterritorializar dos pontos de subjetivação que nos fixam e nos limitam, que nos pregam em uma realidade dogmática, dominante e que nos dificulta alçar voos entre as experimentações cotidianas intensivas em busca de novas reterritorializações?

Como metodologia, utilizamos a pesquisa cartográfica, que se propõe, com rigor metodológico e procedimentos abertos e inventivos, acompanhar processos, por meio das *imagensnarrativas* que atuam como disparadoras das “redes de conversações” (CARVALHO, 2009), que se constituem em uma força que leva ao movimento do pensar, propicia encontros, experiências, possibilita surpresas, indagação, desterritorialização e reterritorialização. Por meio de múltiplos diálogos, os devires-professoras, devires-jovens, devires-crianças, devires-currículos se engendram na composição de um coletivo a partir do sensível: daquilo que passa, daquilo que toca, daquilo que afeta e provoca o pensamento, produzindo diferença, produzindo ideias, a partir da multiplicidade de mundos. Assim, torna-se quase impossível seguir à risca modelos, parâmetros e/ou referenciais curriculares ou se prender ao que os descriptores avaliativos recomendam, pois nos fluxos desses devires, não há dicotomias, máquinas binárias, isto ou aquilo, mas sim conversas, muitas conversas, que significam cartografias de um devir.

A vida intensiva na escola é permeada por encontros com corpos pulsantes que experimentam o mundo por meio de múltiplos olhares e vivências. Temos apostado na potência de ação coletiva, entendendo o coletivo como plano de coengendramento. Para Deleuze e Parnet (2004), o conceito de coletivo refere-se às relações estabelecidas entre os planos das formas e das forças que, embora distintos, constroem relações de reciprocidade que garantem múltiplos engendramentos e, assim, produzem a realidade. O plano das formas corresponde ao plano de organização da realidade, por

exemplo, os currículos, a Base Nacional Comum Curricular, as Diretrizes Estaduais e Municipais de currículo etc.; e o plano das forças é o plano de imanência, é o plano da vida inventiva e intensiva, é a força dos movimentos instituintes que produzem os processos inventivos curriculares que se constituem na potência do coletivo, como expressam as professoras:

Nos encontros-aulas com as crianças percebemos como elas vêem o mundo de forma fluida, colorida, leve, expansiva e, muitas vezes, o olhar do adulto aprisiona esse pensamento infantil, assim como delimita o tempo de suas experimentações.

A gente vai perdendo esse olhar da criança que expande o mundo e vamos enrijecendo e enquadrando a escola, a vida, os corpos [...].

Por isso é importante estabelecermos uma relação com o mundo da criança, entendendo que esse mundo é também o nosso. O tempo da criança deveria ser o nosso. As experimentações que elas fazem com os movimentos das formigas, com os sons da cigarra, com as folhas que caem no pátio [...]. Elas vão descobrindo outras formas de vivenciar o mundo.

A desconstrução e a reterritorialização são processos concomitantes, fundamentais para entendermos as práticas humanas. Tudo passa entre os corpos infantis e juvenis, tudo passa entre os corpos de professoras. Tudo passa dentro e fora das escolas: crise econômica, alegrias, corrupção, encontros, reformas curriculares, discussão do Projeto Político Pedagógico, fechamentos de escolas, devastação ecológica, greve de policiais, greve geral, enfim... São muitas intensidades, multiplicidades, pluralidades, coletividades, solidariedades, conflitos, dúvidas, medos, anseios, inseguranças, políticas, desejos de metamorfoses, afetos, linguagens e conhecimentos.

A criança vê o mundo de forma bonita e o reinventa mesmo com as dores, angústias e problemas que não as impedem de movimentar o pensamento e continuar com as suas composições. Isso serve para nós, também! Como professoras, a todo o momento, precisamos buscar outras possibilidades que nos ajudem a pensar o nosso cotidiano com todas as suas sensações, emoções e invenções.

E elas [as crianças] interagem com as diferenças e, constantemente, transformam as situações que vivenciam. Aqui, na escola, percebo brechas e aberturas e isso as crianças nos ensinam o tempo todo. Um exemplo disso é quando as crianças acalmam os colegas em situação de medo, encorajando-os com palavras, gestos e afetos.

Quando fui perguntar à pedagoga quanto tempo eu tinha para a minha aula, ela me respondeu: ‘Você tem todo o tempo que precisa, isso você vai definir na relação com os alunos, dependendo de cada experiência’.

Quando a escola experimenta o seu *corpo sem órgãos*, ela está em busca de uma vida intensiva e não produtiva, parte de suas próprias forças, acontecimentos e de suas experiências. Ela procura tornar-se diferente do que lhe foi programado, planejado, tenta sair da mesmidade e ir ao encontro da outridade. Sair da tristeza, da anestesia, da morbidez, para produzir o inusitado, o novo, o possível. O *corpo escola* deixa, portanto, de ser um instrumento com prescrições e normatizações para ser um corpo intensivo de emoções e sensações, para se tornar uma ética-estética da existência na constituição de afetos que fazem fluir agenciamentos

coletivos. O *corpoescola* passa a ser espaço de composição, lugar praticado com conexões e diálogos que entrecruzam múltiplas culturas, experiências, vidas.

Como afirmam Deleuze e Parnet (2004, p. 12): “[...] os devires são geografia, são orientações, direcções, entradas e saídas”. São expressos e contidos em uma vida, em um estilo. “Um estilo é conseguir gaguejar na sua própria língua. É traçar uma linha de fuga” (2004, p. 13). Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade, assim como uma escola, define-se por suas linhas de fugas, que são moleculares. Sempre passa, vaza, escapa alguma coisa que rompe e foge das organizações binárias, da máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribuiu a uma “evolução dos costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos, os conhecimentos válidos, valiosos, enfim...

Eu estava muito preocupada com o desenvolvimento de um aluno. Não conseguia ver avanços no seu processo de aprendizagem, até que um dia ele me mostrou um desenho e, a partir daí, eu o encontrei. Ele estava cheio de ideias, com muitas experiências a me contar. Eu estava tão envolvida com um tipo de conhecimento que eu achava importante que eu não visualizava outras possibilidades e invenções deste aluno.

É como um caleidoscópio: toda vez que me sinto aprisionada, repetindo e automatizada nas minhas ações, procuro desviar o olhar e o pensamento e me movimentar e, assim, consigo entrar no movimento das crianças e ouvir as inúmeras histórias. Me deixo contagiar com elas.

Quando eu faço uma pergunta esperando um tipo de resposta, o melhor é a surpresa, é quando sou surpreendida com outras possibilidades.

Nesses encontros com as escolas, professoras, crianças e jovens, diversos temas são problematizados fazendo com que os processos de subjetivações sejam reativados por meios dos encontros, dos afectos e dos perceptos. Deleuze e Guattari (2012) sugerem que não permaneçamos estratificados, sujeitados e significados; é preciso experimentar as múltiplas oportunidades que um estrato nos oferece, circular em um lugar favorável, procurar eventuais movimentos de desterritorialização, vivenciar as possíveis linhas de fuga, conectar, conjugar, deixar passar os fluxos e as forças inventivas, linhas potentes de ação. Sair dos estratos e ir ao agenciamento mais profundo, aquele que mais nos faz movimentar, pensar, agir, lutar e nos envolver com o nosso trabalho, com os processos de formação e com a reinvenção dos currículos, da escola e de outros mundos possíveis.

Qual a relação do conhecimento com a Terra, no sentido apresentado por Deleuze e Guattari (1992), a partir da geofilosofia? Os autores se perguntam como o conhecimento se relaciona com a Terra em um ponto de vista social e político e apresentam as três condições da filosofia: imanência, amizade e opinião. O plano de imanência é constituído pela sociabilidade; a amizade constitui-se pelo prazer de se associar; e a opinião é um gosto pela conversação, pelas trocas de opinião. E, explicam os autores, que a Terra faz valer seus próprios poderes de desterritorialização, suas rupturas, suas linhas de fuga, seus espaços lisos, que possibilitam aberturas para uma vida que pulsa a caminho de uma nova Terra.

As conversas com os praticantes dos cotidianos nos embalam sempre para movimentar pensamentos, processos de desterritorializações e reterritorializações. Ao entrar nas conversas com alunos e professores, nunca sabemos aonde podemos chegar. Afinal, permitimo-nos navegar em lugares inusitados, inimagináveis, imprevistos, pois essa é sempre a potência das redes de conversas, o encontro com a diferença.

Para concluir, pretendemos, ainda, apresentar os quatro teoremas de desterritorialização ou proposições maquínicas. Deleuze e Guattari (2012, p. 45) afirmam, no primeiro teorema, que “[...] jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos termos se reterritorializa sobre o outro”. Assim, a reterritorialização não pode ser confundida com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga. Elementos desterritorializados contribuem para uma territorialidade nova. No segundo teorema, os autores afirmam que, de dois elementos de desterritorialização, o mais rápido não é o mais intenso ou o mais desterritorializado, pois a intensidade não está na velocidade de movimento ou de desenvolvimento. Já no terceiro teorema, Deleuze e Guattari concluem que o menos desterritorializado pode se reterritorializar sobre o mais desterritorializado. O quarto teorema apresenta que a máquina abstrata não se efetua apenas nos rostos que produz, mas nas partes do corpo, nas roupas e nos objetos que ela rostifica ou, ainda, segundo uma organização de semelhança.

Que agenciamentos de poder têm produzido enrijecimentos, modelização, padronização tentando capturar a vida nas escolas? Entretanto, sabemos que esse processo de territorialização abre brechas para o coengendramento de múltiplos devires: pulsantes, potentes e inventivos que são produzidos na força coletiva, onde a vida insiste em perseverar.

Todos que fazem escolas sabem da impossibilidade de fixação de sentidos, de aprisionamento de ideias, de formas curriculares diante da complexidade que é o cotidiano escolar. Nunca uma aula será como a outra. Mesmo com o planejamento bem pensado, marcado, previsto, o (im)previsto, o (im)pensado e o (in)movimento, o currículo nômade se apresenta (HOLMEISTER; SILVA; DELBONI, 2016). Assim, em cada passo que se dá, novos encontros e movimentos se estabelecem e, com eles, novas sensações, emoções, novos conhecimentos, novos afetos, perceptos, conceitos, outras ideias e processos de desterritorialização e reterritorialização se efetivam na produção de invenções curriculares.

Nos encontros com as professoras, escolas, currículos e infâncias, ecoam vibrações que emergem das relações. Brotam, assim, propostas de ruptura, de criação, de coletividade, de communalidade expansiva. Nos processos de desterritorialização e reterritorialização circulam ideias, agenciamentos de desejos, fabricação/invenção de outros tempos, tempos não lineares, não cronometrados. Tempo concebido como multiplicidade. Tempo que se transforma em potência de ação. Por meio das redes de conversações, como diz Carvalho (2009), fazemos expandir a vontade de potência, as diferenças, a produção da coletividade, ou seja, as forças que constituem determinado contexto sociocultural. Pensamos e navegamos, portanto, rumo a tantos outros possíveis inventados nos processos de aprender e de ensinar, nas artes de fazer e de viver os cotidianos escolares, em movimento constante de dar a pensar, forçando o pensamento a buscar encontros, novas experiências e conhecimentos. Nesse processo de desterritorialização e reterritorialização, vamos exercitando outros modos de existência e outras possibilidades de vida para as escolas, para os currículos, para a Nova Terra.

Referências

CARVALHO, Janete Magalhães. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2012, v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d`Água Editores, 2004.

HOLZMEISTER, Ana Paula Patrocínio; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. Por um currículo nômade: entre artistagens e invencionices. *Curriculum sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 416-428, set./dez. 2016.